

A BRUXA
METAPSICOLOGIA E
SEUS DESTINOS

Leopoldo Fulgencio (Org.)

Richard Simanke

Antonio Imbasciati

Martine Girard



PSICANÁLISE

Leopoldo Fulgencio (*Org.*)

Richard Simanke

Antonio Imbasciati

Martine Girard

A bruxa metapsicologia e seus destinos

Blucher

A bruxa metapsicologia e seus destinos

© 2018 Leopoldo Fulgencio (organizador), Richard Simanke,

Antonio Imbasciati, Martine Girard

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A bruxa metapsicologia e seus destinos / Richard
Simanke, Antonio Imbasciati, Martine Girard ;
organizado por Leopoldo Fulgencio. – São Paulo :
Blucher, 2018.

358 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1326-0 (impresso)

ISBN 978-85-212-1327-7 (e-book)

1. Psicanálise 2. Metapsicologia I. Título. II.
Girard, Martine. III. Imbasciati, Antonio. IV. Ful-
gencio, Leopoldo.

18-0759

CDD 150.1952

Índice para catálogo sistemático:

1. Metapsicologia

Conteúdo

Prefácio	15
<i>Elias Mallet da Rocha Barros</i>	
Introdução	23
<i>Leopoldo Fulgencio</i>	
1. As especulações metapsicológicas de Freud	33
<i>Leopoldo Fulgencio</i>	
2. Realismo e antirrealismo na interpretação da metapsicologia freudiana	75
<i>Richard Simanke</i>	
3. O significado da metapsicologia como instrumento para “explicar”	139
<i>Antonio Imbasciati</i>	

4. Em direção a novas metapsicologias	161
<i>Antonio Imbasciati</i>	
5. Winnicott e a rejeição dos conceitos básicos da metapsicologia freudiana	181
<i>Leopoldo Fulgencio</i>	
6. Winnicott fundamenta os conceitos básicos da metapsicologia freudiana?	201
<i>Martine Girard</i>	
7. Discussão do lugar da metapsicologia na obra de Winnicott	239
<i>Leopoldo Fulgencio</i>	
8. O precoce e o profundo: dois paradigmas independentes	279
<i>Martine Girard</i>	
Referências	321

1. As especulações metapsicológicas de Freud¹

Leopoldo Fulgencio

Para Freud, a psicanálise é uma ciência natural. Ele a define como uma psicologia empírica que é, também, um método de tratamento psíquico, o que significa dizer que suas teorias estão a serviço da resolução de problemas empíricos específicos. Para ele, essa ciência é composta por teorias de tipos diferentes: uma empírica e outra especulativa. A primeira corresponde ao conjunto de teorias que advêm dos fatos empíricos (sua psicologia dos fatos clínicos), e a segunda a um conjunto de conceitos especulativos sem conteúdo empírico determinado – como os de pulsão [*Trieb*],² libido e aparelho psíquico –, o qual ele mesmo denomina metapsicologia.

Neste capítulo, pretendo analisar qual é a opinião de Freud no que se refere à teoria metapsicológica, colocando em evidência, a

1 Uma versão deste texto foi publicada originalmente em Fulgencio, L. (2005). Freud's metapsychological speculations. *International Journal of Psychoanalysis*, 86(1), 99-123.

2 Estou optando por usar o termo *pulsão* para traduzir *Trieb*, mais próximo à opção francesa (*pulsion*), visando guardar a especificidade do termo usado por Freud. As opções usadas nos textos em inglês (*instinct*, *drive*, *instintual drive*) podem causar alguma obscuridade.

partir de seus textos e de suas referências, a origem do seu modo de proceder na elaboração da teoria psicanalítica. Mostrarei que a articulação entre a parte empírica e a parte especulativa de suas teorias se conjuga de forma condizente com uma determinada maneira de conceber a pesquisa científica, reconhecível como parte de sua formação intelectual. Com esse tipo de entendimento, será possível perguntar, ao final, sobre o futuro das teorias metapsicológicas no desenvolvimento atual da psicanálise.

A psicologia dos fatos clínicos para Freud

O projeto freudiano de fazer da psicanálise uma ciência natural sempre esteve relacionado com suas atividades médicas, ou seja, com seu objetivo de construir um método de tratamento de determinados distúrbios psicopatológicos para os quais outras propostas contemporâneas falhavam. Diz Freud sobre seu compromisso com a ciência médica:

Sou de opinião que o médico tem deveres não somente em relação ao doente, mas também em relação à ciência. Com relação à ciência quer dizer, no fundo, com relação a muitos outros doentes que sofrem ou sofrerão do mesmo mal. (Freud, 1905e, p. 8, tradução nossa)

Além desse compromisso médico, a inserção da psicanálise no rol das práticas científicas também significa que ela deverá encontrar seus fundamentos na experiência. Quando Freud enumera os pilares da psicanálise, ele não apresenta nenhum conceito especulativo, mas tão somente conceitos empíricos referidos diretamente aos fatos reconhecíveis na experiência clínica:

A hipótese de processos anímicos inconscientes,³ o reconhecimento da doutrina da resistência e da repressão [Verdrängung], o valor dado à sexualidade e ao Complexo de Édipo são os conteúdos principais da psicanálise e os fundamentos de sua teoria, e quem não está à altura de subscrever todos eles não deveria se considerar psicanalista. (Freud, 1923a, p. 247, tradução nossa)

Em outros momentos, Freud caracterizará a psicanálise em função de um conjunto de conceitos e princípios compartilhados por um determinado grupo, que ele denomina seus xiboletes. Xibolete é uma palavra de origem hebraica que significa *espiga* e tem o sentido figurado de uma prova decisiva que faz julgar a capacidade de uma pessoa. Originalmente, como consta no *Velho Testamento*, trata-se de uma prova de pertinência a um grupo que resulta numa questão de vida ou morte. A tribo de Galaad havia vencido, numa guerra, a de Efraim:

Porém os de Galaad se apoderaram dos vaus do Jordão, por onde os de Efraim haveriam de voltar. Quando algum dos fugitivos de Efraim chegava a eles, e dizia: Peço-vos que me deixes passar. Os de Galaad lhe diziam: Acaso és tu Efrateu? E respondendo: Não sou. Eles lhes replicavam: Pois dize: xibolete, E quando o outro dizia sibolete, não podendo pronunciar-la com

3 Faço aqui uma distinção entre o reconhecimento clínico dos processos anímicos inconscientes – o que também já havia sido feito por Charcot, Janet, Bernheim e Lipps, a quem Freud reconhece tributo, e pode ser claramente visível na análise que ele faz dos atos falhos nas lições de 1916-1917 – e o inconsciente pensado em termos metapsicológicos. Trata-se de diferenciar o inconsciente considerado num sentido factual de um inconsciente especulativo, tomado como uma instância psíquica atravessada por forças e energias.

o mesmo acento, era imediatamente preso e o degolavam na mesma margem do Jordão. E assim, naquele tempo, foram mortos quarenta e dois mil homens de Efraim. (Livro dos juízes, 12, 6)

Para Freud, os xiboletes da psicanálise são: a diferenciação do psiquismo em consciente e inconsciente (Freud, 1923b, p. 13), a teoria dos sonhos (Freud, 1933a, p. 7) e o complexo de Édipo (Freud, 1905d, p. 226). Ele menciona, ainda, como fundamentos que caracterizam a psicanálise, sem denominá-los xiboletes, a transferência e a resistência:

A teoria psicanalítica é uma tentativa de tornar compreensível duas experiências que sobrevêm, de maneira contundente e inesperada, quando se experimenta levar os sintomas mórbidos de uma neurose às suas fontes de onde eles derivam naquilo que foi vivido [na história de sua vida]: o fato da transferência e o fato da resistência. Toda orientação de pesquisa que reconhece esses dois fatos e os toma como pontos de partida de seu trabalho está no direito de se nomear psicanálise, mesmo se chega a outros resultados que não os meus. Mas aquele que se lança a outros aspectos do problema e se afasta dessas duas premissas escapará dificilmente da reprovação de atentado à propriedade por tentativa de cópia fraudulenta, se persiste em nomear-se psicanalista. (Freud, 1914d, p. 16, tradução nossa)

Todos esses conceitos ou termos descritivos correspondem à parte empírica que sustenta o edifício teórico da psicanálise

freudiana – a sua psicologia dos fatos clínicos. Por outro lado, há um outro conjunto de conceitos que não são descritivos e não têm na experiência referentes objetivamente dados. Conceitos desse tipo estão além ou ultrapassam os da psicologia dos fatos clínicos, daí Freud caracterizá-los de conceitos metapsicológicos. Nesse sentido, é esclarecedor notar que a observação de que os sonhos são realizações de desejos é um tipo de solução psicológica, descritiva (fenomenológica), e não uma solução metapsicológica: “Parece-me que a teoria da realização de desejos trouxe apenas a solução psicológica, e não a biológica – ou melhor, metapsíquica” (Masson, 1985, carta de 10 de março de 1898, tradução nossa). A solução metapsíquica ou metapsicológica para o problema do sonho deveria tornar possível explicar por que os desejos insatisfeitos encontram no sonho um modo de realização, organizando o que poderia ser dito sobre o que impulsiona e é a causa ou essência dos desejos, bem como sobre os processos psíquicos envolvidos na realização do desejo por intermédio do sonho.⁴

Ao distinguir a teoria clínica da metapsicológica, não estou afirmando que os fatos clínicos são apreendidos independentemente de teorias, visto que toda pesquisa científica depende de uma orientação para selecionar (dentre a multiplicidade de fenômenos que se apresentam) os elementos a serem observados e para estabelecer tipos de relação a serem procuradas na ligação e ordenação desses fenômenos. Isso não significa que as teorias que orientam a pesquisa empírica sejam, necessariamente, especulativas, ainda

4 Freud considerou duas direções para a construção das soluções metapsíquicas: uma elaborada por referência aos processos corporais, fornecendo um quadro em que as soluções procuradas seriam formuladas em termos biológicos – como é o caso da metapsicologia apresentada no *Projeto* (1895) –, e outra formulada em termos psicológicos, por referência aos processos propriamente psíquicos – como é o caso da apresentada a partir do Capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* (1900a) e continuada em toda a sua obra.

que as especulações metapsicológicas tenham um lugar central para Freud.

Freud diz que “a psicanálise repousa solidamente sobre a observação dos fatos da vida da alma” (Freud, 1926f, p. 266, tradução nossa) e é “construída a partir de um conjunto de fatos, lenta e sofredamente reunidos ao preço de um trabalho metódico”.⁵ Nesse trabalho metódico, há uma parte que se refere à escolha e à delimitação do que é importante ser considerado no campo dos fenômenos e outra que corresponde ao uso de um conjunto de conceitos auxiliares, que ajudam a relacionar e organizar os fatos na busca da resolução dos problemas. Freud foi formado, como homem de ciência, numa linha de pesquisa que prescreve o uso de um método no qual se associam construções auxiliares especulativas com a apreensão e sistematização dos dados empíricos. Isso confirma-se, por exemplo, já em 1894, na forma como ele procede ao expor o problema das neuropsicoses de defesa:

Exporei em poucas palavras a representação auxiliar da qual me servi nesta exposição das neuroses de defesa. É a seguinte: nas funções psíquicas, cabe distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – ainda que não haja meio algum de medi-la –; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se difunde pelas marcas mnêmicas das representações, como faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. (Freud, 1894a, p. 60, tradução nossa)

5 Comentário de Freud a Smiley Blanton; cf. Blanton (1973, pp. 51-52).

Esse conceito quantitativo é apenas uma especulação, e Freud, na continuidade do texto anteriormente citado, diz que seu uso só se justifica pelo fato de auxiliar a organização dos dados empíricos, e não porque corresponda a um possível elemento nos fenômenos.

Poder-se-ia objetar que diversos conceitos psicanalíticos são formulados tanto em termos descritivos (psicológicos) como em termos especulativos (metapsicológicos), e que a distinção entre o que é uma descrição e o que é apenas uma suposição teórica especulativa não é factível em psicanálise. Dir-se-ia, por exemplo, que o inconsciente, a repressão, o complexo de Édipo, a transferência e a resistência, além de serem fatos clínicos, são considerados em termos de um conflito de forças, de uma economia libidinal e referidos às instâncias de um aparelho psíquico. No entanto, ainda que os fatos clínicos sejam articulados por meio dessas formulações teóricas, isso não faz com que a distinção entre o que vem da experiência e o que não vem dela deva ser reconhecida e respeitada, considerando o lugar, o valor e a maneira de operar de cada um dos tipos de teoria em jogo. Mais ainda, é necessário mostrar que o próprio Freud ocupou-se de fazer esse tipo de distinção.

A necessidade de uma metapsicologia e o ponto de vista dinâmico

Freud considera que só a descrição dos fatos não é suficiente para explicar como ocorrem os fenômenos psíquicos. Referindo-se aos limites aos quais se chega, caso o psicólogo se mantenha apenas no nível da consciência (aqui também interpretada como sinônimo do que se obtém apenas pelo caminho da psicologia descritiva de seu tempo), ele diz:

Enquanto a psicologia da consciência não pode jamais sair destas séries lacunares e depende manifestamente de outra coisa, a concepção a partir da qual o psíquico é em si mesmo inconsciente permitiu fazer da psicologia uma parte, semelhante a todas as outras, das ciências naturais. (Freud, 1940a, p. 158, tradução nossa)

Além de uma concepção descritiva do inconsciente, Freud formulará a concepção de um inconsciente habitado por elementos que não são diretamente observados, como as forças e energias de natureza psíquica. Reconhecendo os limites da observação, Freud considerou adequado introduzir hipóteses complementares: “me pareceu legítimo completar as teorias, que são expressão direta da experiência, por hipóteses que são apropriadas ao controle do material, e que se reportam aos fatos que podem se tornar objeto de observação imediata” (Freud, 1925d, p. 32, tradução nossa).

Essas hipóteses, que não são da mesma natureza que as advindas da observação, são, propriamente, como ele dirá referindo-se à noção de “aparelho psíquico”, *ficções teóricas* (Freud, 1900a, p. 603, tradução nossa) que ajudam a “estabelecer as leis que regem [os fenômenos psíquicos], e acompanhar, em longas séries, sem lacunas, suas relações recíprocas e suas interdependências” (Freud, 1940a, p. 158, tradução nossa). Com o auxílio dessas ficções, Freud espera obter um controle do material empírico, de modo que possa procurar as explicações que venham completar as lacunas que ficam no entendimento dos fenômenos quando o cientista fica restrito apenas ao campo descritivo, buscando, pois, descobrir séries completas sobre as determinações causais que os produzem.

Mas quais são os tipos de conceitos e modelos especulativos com os quais ele completará suas teorias empíricas? Com que tipo de metapsicologia ele cobrirá as lacunas da sua psicologia? Freud

diz claramente que seu procedimento, na construção da teoria, é análogo ao utilizado em outras ciências naturais; que esses conceitos são hipóteses de trabalho de valor apenas aproximativo, permanecendo tão indeterminados quanto os conceitos do mesmo *status* epistemológico noutras ciências já consolidadas: “Como ficar surpreso se os conceitos fundamentais da nova ciência [a psicanálise], seus princípios (pulsão, energia nervosa etc.) permanecem tanto tempo indeterminados quanto aqueles das ciências mais antigas (força, massa, atração etc.)?” (Freud, 1940a, p. 159, tradução nossa).

Para ilustrar a maneira pela qual Freud introduziu um tipo específico de metapsicologia, será útil retomar os procedimentos especulativos que utiliza para compreender e tratar a histeria. Vejamos, inicialmente, o que se dizia sobre a histeria no período em que Freud não tinha ainda formulado suas próprias explicações. Segundo Charcot, essa patologia resultava de ideias inconscientes agindo na mente do doente, surgidas após uma situação traumática, que ocorria em pessoas predispostas organicamente à doença. A Escola de Nancy, com Hippolyte Bernheim, indicava o poder da sugestão hipnótica como método de tratamento psíquico. Apoiado nos trabalhos de Charcot, Janet também defendia a ideia de que os sintomas na histeria resultavam de ideias inconscientes que agiam de forma independente no interior do paciente; essa independência derivava de uma dissociação psíquica, que separava as representações em conscientes e inconscientes, e era creditada a um fracasso da síntese mental (numa situação traumática) devido a uma incapacidade congênita. Esse conjunto de dados e hipóteses levou Freud a uma constatação que lhe serviu de ponto de partida para a constituição da psicanálise: a histeria era uma patologia que teria origem numa situação traumática que acabava por produzir ideias inconscientes no interior do psiquismo; essas ideias estariam ativas e agiriam sobre o paciente, produzindo seus sintomas.

Supunha-se, nessa época, que a histeria era uma doença que acometia somente as pessoas predispostas a ela, ou seja, aquelas pessoas cujo sistema nervoso, por hereditariedade ou por algum tipo de lesão ou inflamação, eram incapazes de tolerar e integrar acontecimentos de grande intensidade afetiva. Isso fornecia apenas uma hipótese fisiológica, mas não a explicação do processo psíquico do paciente que apresentava sintomas histéricos relacionados com um trauma vivido. Essa suposição fisiológica e a descrição dos fatos psíquicos observados – exemplificados, inclusive, pelas demonstrações de Charcot que, ao hipnotizar seus pacientes, produzia ou anulava sintomas – não eram suficientes para dar conta do que ocorria psicologicamente com o paciente no momento do trauma, tampouco explicavam a origem do poder, mais ou menos acentuado, dessas ideias inconscientes. Tornava-se, então, necessário ir além dos dados observáveis diretamente para completar as lacunas da teoria baseada apenas nas descrições dos fatos.

A hipótese fisiológica mencionada – à qual aderiram Charcot, Janet e mesmo Breuer – opta por uma perspectiva mecânica. Projetando, por analogia, uma situação física em uma situação psíquica, tudo se passa como se, numa máquina, uma peça que liga uma de suas partes às outras tivesse sido danificada, de forma que um lado dessa “máquina psíquica” funcionaria de forma independente, produzindo os sintomas observados. Pode ser dito, sobre esse tipo de análise, que foi orientada por um ponto de vista mecânico. Note-se que a suposição de que o psiquismo é como uma máquina passível de ser explicada em termos mecânicos é uma hipótese que não tem valor empírico, ou seja, ela não é passível de comprovação pela observação; seu valor é apenas heurístico, ou seja, é um princípio de intelecção que tem validade pelo que torna possível compreender sobre os fenômenos e suas relações, e não por si mesmo.

Freud, no entanto, foi formado noutra linha de pesquisa, da qual participavam Fechner, Helmholtz e Brücke, e cuja perspectiva de explicação é diferente da mecânica. Para esses pensadores, o ponto de vista mais adequado para servir como guia na busca de explicações sobre os fenômenos e suas causas é o dinâmico, que supõe a interação de forças em conflito como um quadro no qual as explicações são procuradas. Nessa perspectiva, os fatos observados devem ser estruturados e relacionados não em função de supostas falhas mecânicas, mas sim de supostas forças em conflito. O juramento epistemológico de Brücke e Du Bois-Reymond apresenta uma formulação metodológica explícita sobre o que significa adotar o ponto de vista dinâmico na prática científica:

Brücke e eu [Bois-Reymond] nos comprometeremos a impor esta verdade, a saber, que somente as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo. Nos casos que não podem ser explicados, no momento, por essas forças, devemos nos empenhar em descobrir o modo específico ou a fonte de sua ação, utilizando o método físico-matemático, ou então postular a existência de outras forças, equivalentes em dignidade, às forças físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão. (apud Shakow & Rapaport, 1964, p. 34, tradução nossa)

A presença constante, na obra freudiana, de explicações em termos de forças psíquicas, “equivalentes em dignidade” às forças físico-químicas, dão sustentação à hipótese de que Freud aderiu a esse tipo de orientação metodológica. Em sua autobiografia de 1925, logo após referir-se à sua formação com Brücke no Laboratório de Fisiologia da Universidade de Viena, ele afirmou: “Em

certo sentido, eu permaneci, todavia, fiel à orientação na qual eu me engajei inicialmente” (Freud, 1925d, p. 10, tradução nossa).

Essa mesma perspectiva dinâmica é reiterada quando Freud fala da sua diferença com Breuer no entendimento da histeria:

Na questão de saber quando um processo psíquico torna-se patógeno, isto é, quando ele não termina de uma maneira normal, Breuer preferia uma teoria, por assim dizer, fisiológica; ele pensava que os processos que não sucumbiam ao destino normal eram aqueles que tinham se originado nos estados psíquicos extraordinários – hipnóticos. . . . Eu, pelo contrário, suponha, sobretudo, um jogo de forças, a ação de intenções e tendências parecidas com as que podem ser observadas na vida normal. (Freud, 1925d, p. 23, tradução nossa)

Em diversos outros momentos de sua obra, Freud reitera que é justamente este ponto de vista – que propõe “no lugar de uma simples descrição, uma explicação dinâmica fundada sobre a interação de forças psíquicas” (Freud, 1913m, p. 207, tradução nossa) – que caracteriza a sua maneira de compreender os fatos psíquicos. Diz ele, sobre seu compromisso metodológico:

Não queremos apenas descrever e classificar as aparências, mas concebê-las como sinais de um jogo de forças dentro da alma, como expressão de tendências dirigidas para fins, e que trabalham umas de acordo com as outras, ou umas contra as outras. Esforçamo-nos por elaborar uma concepção dinâmica das aparências psíquicas. Nessa nossa concepção, os fenômenos percebidos devem ficar em segundo plano, atrás

das tendências apenas supostas. (Freud, 1916x, p. 67, tradução nossa)

O ponto de vista dinâmico figura, pois, como um guia metodológico para buscar explicações que podem cobrir as lacunas deixadas pelas teorias empíricas. Mais à frente comentarei o lugar do ponto de vista tópico e do econômico, que, juntos com o dinâmico, fornecem os três eixos da teoria metapsicológica de Freud. Nesse sentido anteriormente citado, o ponto de vista dinâmico tem precedência ao tópico e ao econômico, ainda que não seja possível hierarquizar a importância desses três eixos constituidores da metapsicologia. Para Freud, as forças psíquicas, que caracterizam o ponto de vista dinâmico, são análogas às forças que os físicos supõem agir sobre a matéria; elas são tomadas como um fundamento estrutural ao qual se deve recorrer para organizar e relacionar os fatos, orientando a busca das explicações dos fenômenos observados.

O fundamento da ciência psicanalítica está no que ela pôde efetivamente observar, mas essa observação depende de certos conceitos dados antes mesmo da própria experiência. Esses conceitos, diz Freud, correspondem a *certas ideias abstratas* que, mesmo sem conteúdo empírico determinado, possibilitam guiar o cientista num determinado campo de fenômenos:

O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fatos, que são, em seguida, agrupados, ordenados e integrados em conjuntos. Já na descrição, não se pode evitar aplicar ao material certas ideias abstratas que pegamos aqui e ali, certamente não só da experiência nova. Tais ideias – que, depois, tornar-se-ão os conceitos fundamentais da ciência – são ainda mais indispensáveis na elaboração futura do material.

Elas comportam, no início, um certo grau de indeterminação; e não está em questão discernir claramente seu conteúdo. Enquanto permanecem nesse estado, chegamos a um acordo sobre seu significado, reenviando-as repetidamente ao material da experiência do qual elas parecerem ter provindo, mas que, na realidade, é submisso a elas. (Freud, 1915c, p. 117, tradução nossa)

Essas ideias abstratas são, justamente, as pulsões, concebidas como forças de natureza psíquica. Esse conceito auxiliar é uma *convenção* aplicável ao material empírico com a finalidade de ordenar e integrar sistematicamente os fatos. Quando Freud caracteriza a pulsão como um *conceito fundamental convencional*, ele se refere ao fundamento metapsicológico pressuposto para que os fundamentos empíricos sejam apreendidos. A pulsão é, para ele, uma força equivalente em dignidade às forças físico-químicas que agem sobre a matéria. Como nas outras ciências naturais, as forças não são conceitos empíricos, mas construtos teóricos especulativos de valor apenas heurístico. Freud diz claramente que o conceito de pulsão não é nada mais do que uma convenção, uma ideia abstrata sem conteúdo empírico determinado, ainda que necessário: “[a pulsão é um] conceito fundamental convencional, provisoriamente ainda muito obscuro, mas do qual nós não podemos prescindir em psicologia” (Freud, 1915c, pp. 117-118, tradução nossa). Em seguida a essa definição das pulsões, Freud diz que tentará *preencher-lhe o conteúdo* com dados empíricos, associando-as, então, ao corpo biológico, por meio de analogias. Seu objetivo é tornar esse conceito mais inteligível e operacional, mas ele sabe que jamais conseguirá preenchê-lo de forma adequada: “As pulsões são seres míticos, grandiosos na sua indeterminação. Nós não podemos, em nosso trabalho, abstrair delas um só instante, todavia nós jamais

estamos seguros de vê-las distintamente” (Freud, 1933a, p. 95, tradução nossa).

Assim, como em todo mito, não está em questão encontrar um referente empírico que lhe corresponda adequadamente e que seja objetivamente dado.

Comentou-se já, várias vezes, a distinção entre os conceitos de pulsão e de instinto, em especial no que diz respeito à tradução do termo *Trieb* por *instinct*, feita por Strachey na edição inglesa da obra completa de Freud, acentuando as comparações entre os instintos na vida animal e as pulsões na vida do homem, marcando-lhes a diferença. Na perspectiva que estou apresentando, os conceitos de *Trieb* e *Instinkt*, em Freud, são de naturezas diferentes: o primeiro é especulativo, sem referência determinada no campo empírico; o segundo é empírico, com referente objetivo no corpo biológico. Não há, pois, nem continuidade nem assimilação possível entre esses conceitos. Laplanche reconheceu claramente a posição de Freud: “Em todo caso, ele [Freud] nunca os junta [os termos *Trieb* e *Instinkt*], nunca os opõe, ele na verdade nunca os comparou” (Laplanche, 2001, p. 6). Contudo, Laplanche parece não ter atentado para a diferença de natureza epistemológica entre esses conceitos, acabando por se dedicar, não por poucos anos, a uma tarefa impossível: “Durante vinte ou trinta anos, não deixei de insistir nisso. Assimilação da pulsão ao instinto ou, por vezes, uma espécie de mistura pulsão-instinto” (Laplanche, 2001, p. 7).

A metapsicologia como superestrutura especulativa

O conceito de *pulsão* é o fundamento primeiro da metapsicologia, mas, como sabemos, não é o único, e nem toda a metapsicologia



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

A bruxa metapsicologia e seus destinos

Leopoldo Fulgencio
Richard Simanke
Antonio Imbasciati
Martine Girard

ISBN: 9788521212003
Páginas: 200
Formato: 17 x 24 cm
Ano de Publicação: 2018
